



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

BÁRBARA HAMMES MARQUES

O futebol que o Brasil não vê

RELATÓRIO TÉCNICO
do *Trabalho de Conclusão de Curso*
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pelo Prof. Fernando Crocomo
no segundo semestre de 2019
Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Daisi Irmgard Vogel

Florianópolis
Fevereiro de 2020

FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC		
ANO	2019	
ALUNO (A)	BÁRBARA HAMMES MARQUES	
TÍTULO	O FUTEBOL QUE O BRASIL NÃO VÊ	
ORIENTADOR (A)	DAISI IRMGARD VOGEL	
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso
	<input type="checkbox"/>	Rádio
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo
	<input type="checkbox"/>	Foto
	<input type="checkbox"/>	Web site
	<input type="checkbox"/>	Multimídia
	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)
	<input checked="" type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)
<input checked="" type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem	<input type="checkbox"/> Florianópolis <input type="checkbox"/> Brasil <input checked="" type="checkbox"/> Santa Catarina <input type="checkbox"/> Internacional <input type="checkbox"/> Região Sul País: _____
ÁREAS	JORNALISMO; ESPORTE; ECONOMIA.	
RESUMO	<p>Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar a realidade vivida por jogadores e clubes profissionais do futebol brasileiro. O foco é desconstruir o senso comum de que a vida profissional dentro do esporte é sinônimo de luxo e glamour, a partir da apresentação de experiências profissionais vividas por atletas fora da elite do esporte. Em <i>longform</i>, o trabalho explicita dificuldades financeiras, de estrutura e físicas vividas por quem busca a concretização de jogar futebol. A reportagem ainda aborda a questão do esporte como possibilidade de ascensão social, em especial para pessoas de origem humilde, e também dos obstáculos encontrados na modalidade feminina. Além disso, traz a versão de quem gere o esporte em nível estadual, com contrapontos e avanços alcançados. Visões de pesquisadores e estudiosos da área e vozes ativas no movimento por um futebol mais justo também se fazem presentes.</p>	

Dedico este trabalho a todos os profissionais do futebol e a minha família, que assim como eles amam o esporte.

AGRADECIMENTOS

Dedico este TCC, em primeiro lugar, aos meus pais, Adilze e Emerson. Pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida, por me ensinarem a amar o futebol e me dado oportunidades para que eu pudesse sempre ir atrás dos meus sonhos e do que acreditava ser melhor para mim. Sem eles nada disso seria possível.

Agradeço também minha orientadora Daisi Irmgard Vogel, que sempre esteve à disposição para sanar e orientar com o objetivo de alcançar o melhor produto final. Aos professores Jorge Kanehide Ijuim e Leslie Sedrez Chaves, que prontamente aceitaram o convite para participar da banca de avaliação do TCC.

Carinho especial à UFSC, que fez parte da minha vida durante quatro anos e meio e marcou minha vida não apenas no sentido da graduação, mas como um dos principais processos de amadurecimento pessoal. Sair de casa aos 17 anos foi um desafio, e a Bárbara que chegou a Florianópolis em agosto de 2015 deu lugar a uma nova Bárbara repleta de novos aprendizados e lições.

Aos colegas que o Jornalismo me deu, mas principalmente aos amigos que a graduação colocou em minha vida: Bianca, Bruna, João Vitor, Malu e Débora. Que a amizade permaneça para muito além da academia.

Agradeço aos meus amigos de infância, da NSC e todos que entraram na minha vida e fizeram parte de toda a minha trajetória até aqui, aguentando os momentos de surto por conta do TCC e oferecendo sempre conforto e apoio.

Por fim, um imenso obrigada às fontes desta reportagem. Sem elas, que cederam seu tempo, suas vozes e ideias, não seria possível dar vida ao trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO.....	06
1. APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	07
2.	
JUSTIFICATIVAS.....	08
2.1 Tema.....	08
2.1 Mídia.....	09
3. PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	10
3.1. Apuração.....	10
3.2. Redação.....	13
3.3. Entrevistas.....	14
4. CRONOGRAMA.....	15
5. CUSTOS.....	16
6. DIFICULDADES E APRENDIZADOS.....	16
7. FINALIDADES.....	17
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	18
9. BIBLIOGRAFIA.....	19

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar a realidade vivida por jogadores e clubes profissionais do futebol brasileiro. O foco é desconstruir o senso comum de que a vida profissional dentro do esporte é sinônimo de luxo e glamour, a partir da apresentação de experiências profissionais vividas por atletas fora da elite do esporte. Em *longform*, o trabalho explicita dificuldades financeiras, de estrutura e físicas vividas por quem busca a concretização de jogar futebol. A reportagem ainda aborda a questão do esporte como possibilidade de ascensão social, em especial para pessoas de origem humilde, e também dos obstáculos encontrados na modalidade feminina. Além disso, traz a versão de quem gere o esporte em nível estadual, com contrapontos e avanços alcançados. Visões de pesquisadores e estudiosos da área e vozes ativas no movimento por um futebol mais justo também se fazem presentes.

Palavras-chave: Jornalismo. Esporte. Futebol. Jogadores de futebol. Clubes.

1. APRESENTAÇÃO DO TEMA

A cadeia produtiva do futebol brasileiro impactou em 0,72% do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil no ano de 2018, segundo o estudo “Impacto do futebol Brasileiro”, da consultoria Ernst & Young para a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Além da movimentação financeira, que envolve a arrecadação direta e indireta de tributos para o Governo Federal, o futebol move também a paixão do torcedor brasileiro.

[...] desde o princípio é preciso reconhecer que o envolvimento do brasileiro com o futebol é uma experiência forte, independente das interpretações feitas por interesses os mais diversos. A existência de centenas de clubes, entre profissionais e amadores, a sua prática como lazer entre amigos, nos clubes sociais ou nos terrenos baldios, nos índices de audiência – antes no rádio, agora na televisão e outras mídias – são evidências do efetivo envolvimento do brasileiro com o esporte. (RIBEIRO, L. C., 2012, p. 34)

O envolvimento reflete até mesmo na idealização de sonhos. No Brasil, não são raras as situações em que se tornar jogador de futebol é a resposta para a pergunta “o que você quer ser quando crescer”.

A transformação do esporte mais popular do planeta Terra em "vitrine constante" e, é verdade, em algo globalizante (no sentido de amplitude e de acesso rápido) vem fazendo que os garotos e/ou pré-adolescentes "entendam" o futebol como uma atividade naturalmente fácil de ser exercida, e ainda mais fácil de ser alcançada. (ÂLCANTARA, Hélio, 2006)

Porém, segundo manifesto da Universidade do Futebol, a cada 3 mil crianças que buscam se tornar jogador de futebol profissional, apenas uma passa na peneira de um clube profissional. Das que alcançam o objetivo e se profissionalizam, são poucas as que têm altos vencimentos mensais.

De acordo com dados disponibilizados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o número de atletas inscritos na entidade em 2018 era de 11683. Destes, apenas 3% recebem acima dos R\$50 mil de salário, conforme apontou o relatório da Ernst Young. Na outra ponta, 55% recebem o equivalente a um salário mínimo, cerca de R\$1000.

No Brasil, a região norte registra a menor média salarial entre jogadores de futebol: R\$1200. Com R\$15000 de média, o sudeste tem o maior índice. No sul, onde está Santa Catarina, o valor é de R\$9900, o segundo maior no Brasil.

Como reflexo da sociedade brasileira, o futebol revela também uma imensa desigualdade. No Brasil, 2018 marcou o país como segunda nação com maior concentração de renda. Os 1% mais ricos da população nacional concentram 28,3% da renda total do país (IBGE, 2019).

Para além das questões financeiras, as dificuldades da maioria dos profissionais do futebol também está ligada à falta de infraestrutura - tanto de treinamentos quanto alojamento e alimentação - como o desemprego ou atraso no pagamento de salários.

Em 2019, o Figueirense Futebol Clube, à época clube-empresa sob gestão da Elephant S.A., chamou atenção nos noticiários esportivos pela falta de pagamento aos atletas e funcionários do clube. Houve greve dos jogadores e até mesmo derrota por W.O em partida válida pela Série B do Campeonato Brasileiro.

O clube da parte continental de Florianópolis retratou a realidade da maior parte dos clubes nacionais, ainda que seja considerado um dos grandes em Santa Catarina. O estado correspondia, em 2018, ao segundo com mais clubes em seu território: 14%, atrás apenas de Minas Gerais, segundo o relatório divulgado pela CBF.

No Brasil, o total de equipes registradas no mesmo ano era de 7020, das quais apenas 1430 estavam em atividade. O grande número de clubes inativos se deve à falta de calendário para entidades esportivas de pequeno porte, que esbarram nas dificuldades financeiras para poder sobreviver à temporada.

Seguindo o efeito dominó, o encerramento precoce das atividades na maior parte das equipes do país - de forma geral, os clubes funcionam quatro meses, durante os campeonatos estaduais - ocasiona também o desemprego em massa de jogadores de futebol.

2. JUSTIFICATIVAS

2.1 TEMA

Em primeiro lugar, a escolha do tema se deu por conta da minha paixão pessoal pelo futebol brasileiro e suas minúcias. O interesse surgiu ainda antes da graduação, quando acompanhava com frequência simpósios e eventos que tratavam da temática futebol brasileiro, em específico o Simpósio de Futebol de Curitiba, que sempre reuniu grandes nomes do esporte e também pesquisadores da área.

Em uma palestra do professor e fundador da Universidade do Futebol, João Paulo Medina, foi apresentado um vídeo da instituição no qual apareciam dados referentes não apenas ao futebol como fábrica de grandes decepções, mas também pela real condição dos atletas no país.

O questionamento e reflexão sobre o senso comum - muitas vezes disseminado por mim - de que jogadores de futebol têm vida de luxo permaneceu, e foi ainda mais provocado após uma entrevista do goleiro Maringá, na época atuando no Gama (DF), após uma derrota para o Santos na Copa do Brasil de 2016.

O depoimento do atleta foi tocante. Ainda no gramado, Maringá relata a tristeza em ser eliminado da competição, já que a partir daquele momento ele e todos seus colegas de equipe estariam desempregados, uma vez que o clube não teria mais calendário e ficaria inativo até a retomada do campeonato estadual do ano seguinte.

Incomodada com o relato e com o contato direto de parentes que tentaram seguir carreira e meu pai que quase se tornou jogador profissional, mas optou por seguir o caminho dos estudos, decidi que aquela era uma pauta que eu gostaria de dar visibilidade.

A oportunidade surgiu em Redação IV, ministrada pela professora Leslie Sedrez Chaves, que agora reencontra o trabalho melhor apurado e com mais fontes.

Além disto, a sensação de que a grande mídia ainda olha quase que unicamente para o lado bom do futebol. Neste caso, o lado da minoria. Senti uma necessidade de dar voz e vida aos que permanecem quase sempre no anonimato. Sendo assim, na hora de escolher o tema para meu TCC, não foi difícil tomar a decisão

2.2 DO FORMATO

O aspecto pessoal também foi decisivo na escolha do formato a ser desenvolvido. Ao longo de toda a graduação, as disciplinas de redação sempre foram, para mim, as mais agradáveis e que eu mais gostava de desenvolver.

Além disto, a condição de fazer o projeto sozinha dentro da minha rotina de estágio e universidade foi uma condicional importante. Sem muita flexibilidade de horário na parte profissional e com outras pendências, o texto surgiu como o formato fundamental, de forma que eu pude realizar entrevistas à distância, uma vez que as fontes eram em sua maioria de outras cidades.

Jogadores de futebol, em especial os fora da elite do esporte, têm geralmente uma vida inconstante e com frequentes mudanças de cidade. Em sua maioria, também são pessoas com menor nível de escolaridade, de forma que nem sempre se sentiam confortáveis no falar. Assim, o contato por ligação ou áudio foi uma forma mais confortável para que pudessem falar no seu tempo e ir acrescentando com o passar dos dias caso necessário.

Neste formato, o desafio foi manter a emoção presente nos relatos no momento de redação da reportagem, uma vez que o jornalismo impresso, em regra, mostra de maneira mais sutil o conteúdo emocional de uma entrevista (LAGE, 2001).

Embora a reportagem seja entregue de forma impressa, ela foi produzida de forma adaptável para diferentes suportes, como impresso e online. O longform deve ser acrescido de imagens. No caso da reportagem, por não haver imagens de minha autoria, utilizei fotografias disponíveis na internet para dar melhor acabamento.

Diante desta condição, ressalto que o TCC deve ser avaliado exclusivamente a partir do texto, não sendo as imagens um critério de avaliação para a banca.

3. PROCESSO DE PRODUÇÃO

3.1 APURAÇÃO

A apuração da pauta com foco no TCC teve início em meados de julho de 2019, por meio da leitura de notícias e entrevistas, pesquisas e principalmente relatórios sobre o tema. São poucos os dados concretos, sendo geralmente restritos a salários - nem sempre atualizados ano a ano - e quantidade de clubes e atletas inscritos.

De forma geral, encontrar os primeiros números que confirmam a realidade a ser exposta foi fácil. Então, com uma gama de informações, foi hora de buscar pesquisadores do futebol para entender não apenas o tema em si, mas também se debruçar sobre a chegada e introdução do esporte na sociedade brasileira. Desta forma, seria possível ter uma quantidade ainda maior - e aprofundada - de conteúdo para utilizar como base e refletir sobre as condições encontradas.

A primeira fonte buscada foi a jornalista, antropóloga e pesquisadora Carmen Silvia Rial, do departamento de Antropologia da UFSC. Entrei em contato por e-mail e prontamente recebi resposta positiva, contudo a dificuldade de se encontrar na Universidade, já que a professora tinha horários bastante restritos e que se chocavam com os meus. Desta forma,

sugeri que fizéssemos a entrevista pelo telefone, mas não foi possível em uma primeira tentativa pois na data combinada Carmen estava com gripe e se sentiu indisposta para uma conversa na qual falaria por um longo período de tempo.

Simultaneamente, já busquei contatos de pesquisadores da área junto à Agecom. Entrei em contato com dois professores do Programa de Educação Física, mas não obtive retorno. Ao mesmo tempo acionei o professor João Carlos Medina, da Universidade do Futebol, por meio de e-mail, já que o fundador da UDF reside em São Paulo. A resposta foi positiva, mas um retorno foi ainda mais complicado. Foram diversas as mensagens combinando um horário para ligação, mas sempre era necessário deixar para depois. Então, considerei mais fácil enviar as perguntas para que o professor me retornasse quando tivesse disponibilidade, com frequência reforçando o pedido.

A opção foi buscar artigos acadêmicos a respeito do tema para não perder tempo e dar continuidade à apuração.

O segundo passo foi iniciar a busca por personagens que pudessem retratar a realidade do futebol. Por geralmente viverem no anonimato, foi necessário buscar em conhecidos um caminho até os jogadores.

Não foi fácil, poucos conheciam e foi necessário acionar conhecidos de conhecidos. Júnior Fell, Lima, Alex Assunção e Gustavo encontrei por meio de um grupo de esposas de jogadores. As esposas foram extremamente receptivas, inclusive ressaltando a dificuldade de seus maridos e a necessidade de se expor o lado negro do esporte.

No caso de Júnior Fell, personagem principal da reportagem, a conversa foi por WhatsApp, o casal em Pomerode e eu em Florianópolis. Júnior não quis uma ligação pois não é uma pessoa comunicativa, então tinha certa dificuldade em desenvolver respostas longas na hora. A solução foi enviar as perguntas, as quais Júnior respondeu por áudio com bastante rapidez, de forma curta e direta, mas sempre à disposição para novos questionamentos.

Karoline Saiber, sua esposa, foi uma fonte essencial para que o projeto pudesse ter vida. Relatou os problemas do atleta de forma minuciosa, contou mais histórias além das já relatadas, e também apontou os problemas a partir da visão enquanto esposa de um jogador de futebol desempregado.

Em uma pauta com relatos de cunho emocional, o viés psicológico do tema também era fundamental para que a reportagem pudesse ser completa. Encontrei Fernanda Schweitzer, psicóloga do Avaí, por meio de um pesquisador da UFSC, o qual busquei em um primeiro

momento, mas não atuava mais na área de pesquisa. Marcamos rapidamente a conversa, e na semana seguinte a encontrei na Ressacada.

Busquei também clubes que pudessem mostrar o lado das entidades esportivas, também contempladas no objetivo da reportagem. A primeira ligação foi para o Guarani de Palhoça, que culminou no contato imediato com Fabiano Pierri.

O dirigente foi bastante solícito, mas também preferiu conversar por WhatsApp, uma vez que sua rotina é praticamente de viagens constantes para negociação de atletas.

Tentei também contato com o Joinville Esporte Clube, que está na Série D do Campeonato Brasileiro e enfrentou situações como falta de sabão em pó para lavar roupa dos atletas, mas não obtive sucesso. Falei com o presidente do Fluminense do Itaum, também de Joinville, que enfrenta uma situação difícil de estrutura e calendário. Os primeiros contatos aconteceram, mas Anelísio me disse que viajaria e só poderia conversar comigo depois de retornar. Busquei contato novamente, viajei a Joinville, mas as mensagens não foram mais respondidas.

Utilizando da rede social como ferramenta, falei com representantes de classe, além de atletas com voz ativa dentro do esporte para ter um outro viés na reportagem. O método foi bastante efetivo. As respostas de Alex e Paulo André vieram por e-mail. Já os sindicatos de atletas e a Associação de Garantias ao Atleta Profissional de Santa Catarina (AGAP-SC) não retornaram os contatos, estes por e-mail, e tampouco atenderam os telefonemas.

Munida de relatos e dados, foi hora de confrontar o que diziam as entidades responsáveis pelo esporte a nível nacional e estadual.

A dificuldade foi grande em busca da Confederação Brasileira de Futebol. Tentei por meio de ligações, e-mails, formulários e cheguei até os assessores da entidade. Ninguém respondeu.

Já a Federação Catarinense de Futebol foi bastante rápida. Agilmente me responderam positivamente quanto à possibilidade de entrevista, e assim que sugeri uma data confirmaram. Viajei a Balneário Camboriú, sede da FCF, e conversei com três gestores.

Para abordar o futebol feminino, comecei coletando informações e dados da modalidade no Brasil, além de conversar com duas jogadoras de times de Santa Catarina. Com elas, ouvi sobre as dificuldades do futebol feminino, além de visões pessoais acerca do esporte no Brasil e da atuação das entidades responsáveis.

Minha última apuração foi em relação às escolinhas de futebol. Já em Curitiba após minha mudança, consegui por meio do meu pai contatos de pessoas que trabalham ou são proprietárias de escolinhas de futebol em Curitiba e Região Metropolitana.

Após essas entrevistas, viajei a Joinville para encontrar o jogador Lima, atualmente no JEC. Nosso contato foi todo intermediado por sua esposa, Thais Lima. Encontrei o atacante no evento de apresentação de uniforme da equipe. Devido à grande movimentação de torcedores e também pelo horário já tarde, marcamos outra entrevista para o dia seguinte, desta vez na sede do clube América.

Com toda experiência que possuí, Lima contou sobre as dificuldades que já passou, do que acredita dentro do esporte e principalmente como enxerga quem está em busca do sonho.

3.2 REDAÇÃO

O momento da redação foi após a concretização de todas as pesquisas e entrevistas. Com todas as informações em mãos, foi hora de estruturar de que forma elas seriam desenvolvidas.

A quantidade de relatos era bastante grande, e foi necessário pensar uma estruturação para a reportagem, de forma que não ficasse incômoda para ler, tampouco que perdesse o nexo entre os temas abordados. Elenquei dados e depoimentos que considerei indispensáveis dentro do material disponível, além de confrontar versões quando existiam relatos divergentes.

Como a apuração foi quase totalmente feita à distância, não produzi conteúdo acerca do tema em outros formatos, como fotos e vídeos. Para ilustrar de que forma a grande reportagem poderia ser publicada, inspirada em *longforms* da Folha de S. Paulo, busquei imagens disponíveis na internet para obter o produto final. Portanto, diante da não autoria das mesmas, as imagens não devem ser avaliadas como parte do TCC. A grande reportagem deve ser avaliada com base apenas no texto.

A primeira imagem é a que serve de fundo para o título da reportagem. Ela foi retirada do site *Pixnio* e consta como de domínio público, sem créditos a um fotógrafo.

A segunda é do jogador-personagem, Júnior Jader Fell, retirada do site *OGol*, especializado em informações sobre jogadores de futebol. Assim como a da capa, não consta um fotógrafo.

Já a terceira, que abre o tema União da Categoria e corresponde a duas equipes perfiladas com uma faixa questionando a CBF, foi retirada do *Blog do Juca*, no Uol. Também dentro do assunto representatividade dos atletas, a quarta foto, de integrantes do Bom Senso F.C. junto à presidente Dilma Rouseff, é de Pedro Ladeira para a *Folhapress*. Ela também foi encontrada no site Uol.

Por último, a foto da goleira Luiza Jesus, do Avaí/Kindermann. Ela foi retirada do site *EsportesMais*, que não aponta o nome do fotógrafo.

3.3 ENTREVISTAS

As entrevistas foram feitas, em sua maioria, por meio de áudios no WhatsApp, além de ligações. Nem todos os relatos, falas e exposições foram utilizados, mas serviram como base para o desenvolvimento da reportagem.

Alex Assunção	Jogador de futebol profissional
Alexsandro de Souza	Ex-jogador de futebol profissional e fundador do Bom Senso F.C.
Carlos Fernando Crispim	Diretor de Competições Especiais da Federação Catarinense de Futebol
Carmen Silvia Rial	Jornalista, antropóloga e pesquisadora
Cassiano Borges Santana	Jogador de futebol profissional
Fabiano Pierri	Dirigente do Guarani de Palhoça Ltda
Fábio Nogueira	Diretor de Competições Principais da Federação Catarinense de Futebol
Izabela Stahelin	Jogadora de futebol
João Maria Lima do Nascimento	Jogador de futebol profissional
João Paulo S. Medina	Pesquisador, fundador e CEO da Universidade do Futebol
José Carlos Goulart Junior	Diretor de Ligas Não Profissionais e Assessor de Competições Especiais da Federação Catarinense de Futebol
Júnior Jader Fell	Jogador de futebol profissional

Defesa final								X
---------------------	--	--	--	--	--	--	--	---

5. CUSTOS

Os custos para desenvolver o projeto são basicamente de gastos pessoais. Custos como internet e telefone para a pesquisa e contato com as fontes podem ser calculados mensalmente (R\$49,00 a conta do celular e R\$69,00 o valor da internet), já que foram constantemente utilizados. O maior gasto foi com deslocamento quando as entrevistas foram feitas pessoalmente. Além da professora Carmen Silvia Rial, todas as fontes eram de outras cidades que não Florianópolis. Fiz viagens a Balneário Camboriú (R\$20,00 ida e R\$45,00 volta) e Joinville (R\$25 ida e R\$25 volta). Nas cidades, ainda utilizei aplicativos de transporte para me deslocar até o local da entrevista.

DESCRIÇÃO	VALOR EM R\$
Internet	483,00
Celular	343,00
Impressão do TCC	90,00 (aproximado)
Deslocamento para viagem	115,00
Deslocamento na cidade	70,00 (aproximado)
TOTAL	1101,00

6. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Minhas maiores dificuldades foram divididas em dois momentos: a apuração e a redação. Na apuração, minha maior dificuldade foi o contato com as fontes. Falei com inúmeras pessoas, desde jogadores de futebol a dirigentes de clubes, e muitas vezes fiquei sem resposta ou então sempre recebendo algum imprevisto que impedisse a realização da entrevista.

Na redação, a maior dificuldade foi conseguir distribuir uma grande quantidade de informações e relatos de forma ordenada, simples e leve para a leitura final. A falta de outros recursos que não a escrita aumentou o desafio de entregar uma reportagem bem escrita e rica em detalhes.

O projeto todo em si foi um desafio. Escrever uma grande reportagem em texto na dimensão desenvolvida para o trabalho de conclusão nunca havia sido uma realidade durante a graduação, logo foi necessário ir sempre mais longe do que julgava ser capaz.

Além disto, durante todo o tempo de produção estive cursando outras disciplinas da graduação junto a um estágio vespertino. Sem flexibilidade de horários, foi difícil conciliar a rotina com o projeto, não podendo em diversos momentos me dedicar à pauta como eu gostaria.

Aqui, resalto também a dificuldade imposta pela estrutura. Ainda estudante e sem o crachá de um grande veículo, obter respostas de algumas pessoas se torna impossível. Para mim, o mais emblemático é o caso da CBF.

Acredito que a pauta poderia ser muito mais rica de depoimentos se eu dispusesse de um acesso mais direto a fontes, em especial as de grande visibilidade, e também com mais recursos financeiros à disposição, que me permitiriam realizar grandes viagens para vivenciar de perto os relatos.

Após a alteração na data de dezembro para fevereiro, enfrentei também um processo de mudança, retornando a Curitiba depois do período de graduação em Florianópolis, o que demandou tempo e energia que gostaria de ter direcionado ao projeto.

Contudo, acredito que produzir a reportagem foi também um aprendizado constante. Desenvolver a reportagem com uma grande magnitude sozinha me mostrou pontos a serem melhorados individualmente e também me exigiu amadurecimento.

Aprendi também ao abraçar um tema tão caro para mim. Ouvir as pessoas, suas histórias e suas versões. Considero esse o maior ganho que levo como ser humano, mas também profissionalmente.

Enquanto jornalista, o aperfeiçoamento da técnica. Aprender mais sobre apuração, entrevistas e produção de conteúdo. Saber administrar grandes quantidades de informação de forma a usá-las da melhor maneira possível.

7. FINALIDADES

O objetivo principal deste projeto de conclusão de curso é a conquista de me tornar, de fato, uma jornalista. Encerrar um ciclo de nove semestres aprendendo sobre jornalismo e suas técnicas, para poder agora colocar em prática dentro do mercado de trabalho.

A reportagem também tem o fim de criar a reflexão e o debate sobre a realidade do futebol brasileiro, para que possamos olhar para além do que é transmitido pela televisão. Olhar as vezes que muitas vezes não são ouvidas, enxergar as dificuldades que muitas vezes são ignoradas em comentários sobre como vida de jogador de futebol é fácil.

Serve também como ponto de partida para reflexão do jornalismo esportiva da forma como é feito nos dias atuais. A cobertura, o que é mostrado, quem são os jogadores retratados.

Portanto, este projeto pretende, acima do desenvolvimento pessoal e profissional da autora, dar voz e visão a uma realidade alarmante que permanece às escuras dentro do cenário do chamado país do futebol.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÂLCANTARA, Hélio. A magia do futebol. São Paulo: Estudos Avançados, 2006. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142006000200021&script=sci_arttext&tlng=pt

. Acesso em: 27 jan. 2020.

Ernst & Young. O impacto do futebol brasileiro. Disponível em:

https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201912/20191213172843_346.pdf. Acesso em: 04 jan. 2020.

G1, portal. Concentração de renda volta a crescer no Brasil em 2018, diz IBGE. Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/10/16/concentracao-de-renda-volta-a-crescer-no-brasil-em-2018-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 28 nov.2019.

LAGE, Nilson. **A Reportagem**: 12. ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Editora Record, 2001.

RIBEIRO, L. C. *Futebol: por uma histórica política da paixão nacional*. In: História: Questões & Debates, Curitiba, n. 57, p. 15-43, jul./dez. 2012. Editora UFPR. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/30570/19763>. Acesso em: 07 jan. 2020.

ZARKO, Rafael. Clubes pagaram R\$1 bi em salários em 2018. 7% dos atletas concentram R\$800 milhões. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/clubes-pagaram-r-1-bi-em-salarios-em-2018-7-percent-dos-atletas-concentram-r-800-milhoes.ghtml>. Acesso em: 13 jan. 2019.

9. BIBLIOGRAFIA

ALTMAN, Fábio. A arte da entrevista. São Paulo: Boitempo, 2004.

COIMBRA, O. O texto da reportagem impressa. São Paulo: Ática, 2002.

DAMATTA, R. et al. (1982) Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

FILHO, M. (1964) O negro no futebol brasileiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FOER, F. Como o Futebol Explica o Mundo - Um Olhar Inesperado Sobre a Globalização: 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

KOTSCHO, Ricardo. A prática da reportagem. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

LACERDA, Abrahão; OTÁVIO, Bruno; SOARES, Gonçalves; JORGE, Antonio. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, vol. 30, núm. 2, jan, 2009, p. 9-23.

SOUSA, Jorge Pedro. Elementos do jornalismo impresso. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

10. DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Bárbara Hammes Marques, aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 15201475, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O futebol que o Brasil não vê** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), "em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis".

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 10 de Fevereiro de 2020

Bárbara Hammes

Assinatura